



REDENÇÃO

Mas quando o corpo tomba exâmico, cansado,
Vejo-me, austero algoz, a rugir no passado,
Em vômitos de lama e cólera assassina...

O lobo então que eu fora, o suplício desterra!
Glória à reencarnação! Glória às dores da Terra,
Em que se cumpre a Lei da Justiça Divina!...

Acusado sem culpa ante a calúnia infrene,
Explico-me a chorar, no entanto é assim que eu morro...

3 "Deus! Ampara-me, ó Deus!" — exoro por socorro,
Sem que a força do Céu me responda ou me acene.

5 N'alma, remorso algum... Nada que me condene...
Nas raias da agonia, em pranto jorro a jorro,
A bênção da oração é o teto a que recorro,
A render-me, sem mágoa, ao minuto solene.

(*) Farmacêutico, orador, jornalista e poeta, viveu durante muitos anos na cidade de Campo Grande, Mato Grosso, transferindo-se, mais tarde, para Catalão, onde exerceu diversos cargos, inclusive o de substituto no Cartório de Registro Civil. Colaborou em vários jornais da época, tendo sido um dos fundadores de **O Esporte**, folha catalana. «De esmerada educação e muito caridoso» — di-lo Coelho Vaz em **Vultos**

Catalanos, pág. 93 —, foi, entretanto, bárbaramente trucidado na via pública, acusado de um crime por ele não cometido. (Jataí, Goiás, 22 de Julho de 1904 — Catalão, Goiás, 16 de Agosto de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: **Meu Nirvana**; **Retalhos**, inédito.

3. Mesarquia: "Deus! Ampara-me, ó Deus!" — Cf. nota 7, pág. 42.
5. Cf. nota nº 1, pág. 44.